

## *Ecopolítica. Governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle.*

### **Mapeamento Manifestações - O Estado de S. Paulo**

#### **Resumo**

A posição do jornal frente ao atual governo é clara, enquanto oposição. Dessa maneira, em editoriais e colunas sempre houve uma associação entre os protestos e o partido da ordem (PT), fosse para relacionar enquanto “criminosos”, fosse para criticar as medidas de segurança, ou para assinalar a “perda de legitimidade”.

As duas principais estratégias do jornal, com relação às manifestações de modo geral, foram deslegitimar o governo e criminalizar os ativistas que entravam em choque com a polícia (fossem nomeados de black bloc, vândalos ou outra coisa).

Para uma e outra estratégia, o discurso sempre se pautou na democracia, mesmo quando para pedir a repressão e a punição. No caso das manifestações, alegou-se mais de uma vez que o direito democrático de manifestação não poderia sobrepor o direito de ir e vir.

Chamou-se muita atenção para o esvaziamento das manifestações com relação à 2013, justificando o mesmo pelas ações chamadas violentas de manifestantes. O que foi possível notar a partir das notícias, é que houve realmente uma separação de ativistas em relação à 2013. Entretanto, a separação esteve mais ligada a um posicionamento político. 2013 chegou a unir na rua todos aqueles que era contra o governo do PT e aqueles que eram contra a situação atual (seja em relação a melhorias de “políticas públicas”, seja contra o governo das próprias vidas, etc). Em 2014, a distinção ficou mais clara com os atos pró golpe. Deste momento, ficou explícita a impossibilidade de união que sugeriu-se em 2013. Por outro lado, diante desta distinção mais clara sobre posicionamentos específicos, a população começou a mostrar em alguns momentos uma reatividade frente aos manifestantes, fosse enquanto torcidas de futebol, ou em agressões pós-manifestações, a ponto de haver declarações de autoridades afirmando a população aplaudiu o trabalho de repressão da polícia.<sup>1</sup>

Ainda assim, o jornal investiu também em uma separação entre dois tipos de manifestantes (já excluídos os reacionários), os “bons”, “cidadãos de bem”, e os “maus”, como os black blocs, que o tempo todo foram associados com o crime organizado. Neste ponto, o jornal

---

<sup>1</sup> Vale lembrar que esta análise se refere somente aos meses de fevereiro a julho de 2014, sem considerar os desdobramentos posteriores.

também deixou clara a sua distinção entre crime político e crime comum. Afirmando diversas vezes que alguns manifestantes, eram na realidade criminosos comuns e que deveriam ser punidos como tal.

Outra característica do posicionamento do jornal foi com relação a violência policial. Apesar das notícias e os próprios repórteres do jornal ressaltarem sempre a violência da polícia (sempre que se atingia algum jornalista, o que ocorreu quase sempre). E mesmo quando a imprensa internacional e as organizações internacionais e nacionais destacavam não a dita violência de manifestantes, mas a violência da polícia, inclusive como disparadora dos confrontos, o jornal, por meio de editoriais e colunistas, procurou defender o trabalho repressivo da polícia, ou criticar a falta de dureza, ou ainda tentar reparar as injustiças contra os policiais.

Outro ponto importante, foi o fato de os meses de fevereiro e julho terem dado maior destaque a questão da punição. A presença de sininho nos noticiários acompanhou o crescimento da busca por punição.

### **Período de acompanhamento**

De 06 de fevereiro de 2014 à 31 de julho de 2014. Período que abarca o dia seguinte ao incidente com o cinegrafista Santiago Andrade, da Rede Bandeirantes, até o final de julho, mês de encerramento da Copa do Mundo no Brasil.

### **Frequência de notícias por mês**

- No mês de **Fevereiro** (a partir do dia 6), 120 notícias (entre notas, colunas, editoriais e reportagens) estavam relacionadas a protestos ou a morte do cinegrafista. Com exceção de um dia apenas, todos os outros apresentaram alguma notícia relacionada.

- No mês de **março** foram apenas 20 notícias, distribuídas entre 12 dias.

- No mês de **abril** foram 14 notícias, distribuídas em 10 dias.

- Em **maio** o número de notícias voltou a subir em função da proximidade com a Copa).

Foram 62 notícias distribuídas em 22 dias.

- Em **junho** as notícias voltaram a ter a mesma presença que o mês de fevereiro. Foram 118 notícias, (além de 26 em temas paralelos), distribuídas em 28 dias. O mês foi marcado pelo início da Copa no dia 12 e os temas paralelos, como metroviários, mtst, etc, frequentemente se cruzavam com o tema anti-copa.

- No mês de **julho** houve uma redução de notícias. Foram 58 (além de 17 paralelas), distribuídas por 25 dias.

## **Abordagem dos temas por mês**

### **Fevereiro**

- violência contra jornalistas (apesar da morte do cinegrafista da Band, ressaltou-se a violência policial).
- A denúncia, perseguição e punição dos dois jovens envolvidos no incidente do cinegrafista.
- Lei para punir manifestantes.
- Criminalização de Black blocs.
- Envolvimento de partidos políticos, a partir de denúncia de financiamento de manifestantes (inclusive por um dos acusados, que depois negou o financiamento).
- A ativista Sininho. (Curiosamente seu nome desaparece do jornal nos meses seguintes, reaparecendo apenas em julho).
- Diante da proposta de Lei para manifestações, foi apontada a inconstitucionalidade da proibição do uso de máscaras (uma das propostas da lei) e também os defensores da proibição.
- Levantou-se ainda a questão da campanha eleitoral e a queda de popularidade dos candidatos em função dos protestos.
- Segurança na Copa.
- Despreparo da polícia.

No dia 06 de fevereiro de 2014, no Rio de Janeiro, o cinegrafista Santiago Andrade, da Band, foi atingido por um Rojão na cabeça durante a cobertura de protestos feitos de junho de 2013. No dia 07 a imagem estampou a Capa do estadão, mas ainda como notícia secundária. Não se sabia se era um artefacto caseiro lançado por manifestantes ou uma bomba de gás pela PM. Apesar da notícia anunciar um protesto convocado contra o aumento da tarifa, durante a manifestações já se ouvia gritos de "Não vai ter Copa". No Rio de Janeiro, onde aconteceu a manifestação, 7 ficaram feridos e 28 foram encaminhados para a delegacia. No jornal de 8 de fevereiro apareceu a primeira denúncia de uma testemunha contra Black Blocs, que teria visto o rojão sendo direcionado para a polícia, mas atingindo o cinegrafista. Nas redes sociais, Black Blocs anunciaram não ter ligação com o manifestante.

Nos dias 9 e 10, o foco recai sobre Fábio Raposo (que aparece em foto da Globo News identificado como Black Bloc), que seria o proprietário do rojão, porém não foi o responsável por disparar. No editorial do dia 9, acusa-se os manifestantes de vândalos, criminosos, etc, também como uma crítica ao governo (PT), que teria aberto espaço, quando cedeu na redução tarifa (Haddad). No dia seguinte se anuncia a prisão de Fábio Raposo que nega ser Black Bloc e diz que

irá colaborar com a polícia. Em protesto na delegacia contra prisão de Fábio, confusão entre manifestante e jornalistas, cita presença de Sininho. No dia 11 a manchete de capa anuncia a morte do cinegrafista. Renan Calheiros coloca em votação projeto que define o crime de terrorismo para enquadrar black blocs. O editorial coloca black blocs como bandidos. No RJ, pelo Facebook, Black Blocs lamentam a morte do cinegrafista e lembram das mortes por policiais. Destaca-se a repercussão com: Dilma, Sérgio Cabral, Arcebispo do RJ, Presidente OABSP, Ministra chefe da secretaria de DH, Prefeitura do RJ, Associação BR de imprensa, Associação BR de Jornalismo investigativo, Associação BR de emissoras de rádio e TV, Associação comercial do RJ, Sindicato dos jornalistas do município do RJ. (quase todas pedindo punição e mais segurança).

Há apenas uma análise que identifica como válida em algum momento a tática Black bloc, mas já anuncia que a mesma não tem mais eficácia, como teve em junho de 2013. Há uma pequena nota sobre rapaz baleado em manifestação do dia 25 de janeiro. Nos dias seguintes, segue uma campanha contra o uso de máscaras em manifestações, defendida no projeto de lei, a exigência de leis e punições mais rígidas em protestos. Em página de editorial do dia 12, declaração de que black blocs são bandidos comuns e que devem ser tratados como tal. No dia 15, notícias sobre o envio do projeto de lei para tratar do direito à liberdade de manifestação e estabelecer sanções, em regime de urgência. Segundo o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, o texto não deve vetar máscaras nem o uso de balas de borracha para conter excessos. No dia 16 o jornal publica reportagem realizada com um Black bloc de 16 anos que procura explicar o funcionamento da tática e como ela se organiza, por exemplo, evitando o uso de facebook e utilizando o Whatsapp. Em reportagem do dia 22 teve destaque o uso do que o Estadão chamou de “Pelotão Ninja” da polícia, baseado em tática utilizada em outros países contra torcedores em dias de jogos. No dia seguinte as notícias ressaltam o número de detidos, 230, que somada às manifestações deste início de ano, já ultrapassam o número de detidos em manifestações durante todo o ano de 2013. Este teria sido o segundo ato “oficial” contra a copa. Além disso, o DEIC fez busca na casa de manifestantes e interrogou 40 pessoas antes do ato. No dia 24, em espaço aberto Denis Lerrer Rsenfield (Professor de Filosofia da UFRGS), critica a condenação do PSOL aos Black blocs, dizendo que isso é apenas estratégia política da extrema esquerda. Não menciona uma vez sequer o nome dos jovens acusados de terem jogado o rojão, mas atribui o ato a Black blocs, ressaltando ainda que em função da estratégia da extrema esquerda se conseguiu 'demonizar' a polícia como se ela fosse a causa da violência em manifestações. Nos dias seguintes, abre-se a discussão em torno do uso da tática do Pelotão Ninja, a questão do uso de máscaras em manifestações e a continuidade da violência policial contra jornalistas. No dia 26, Roberto Damatta, compara o uso das máscaras com o mesmo uso por torturadores e pela KKK.

## Março

• *Operação Ninja (Pelotão Ninja – em outros jornais tropa de braço)*. Discussão em torno do abuso e da eficácia da tática.

- Distinção entre bons e maus manifestantes (Black blocs associados ao segundo tipo).
- Abuso e violência policial (despreparo em tratar com jornalistas.)
- Segurança de jornalistas em manifestações.
- A lei de punição aos manifestantes manteve-se em pauta.
- Copa e política (enquanto políticas públicas e direitos.)
- Esvaziamento numérico em protestos.

Paralelamente, no final do mês (em 23/3), foi noticiada a baixa adesão em manifestação pró-golpe, de caráter antipetista (possivelmente da mesma parte da população fascista que aderiu as manifestações em junho de 2013).

No dia 2 de março a notícia, editorial intitulado “Separando o joio do trigo”, explicita o discurso que vem sendo adotado pelo jornal. No dia 3 noticia-se grupo criado pelo governo para estabelecer procedimento de segurança para o setor jornalístico, contando com uma cartilha para a polícia. As associações de Jornalistas, em encontro com o Ministro José Eduardo Cardozo, ressaltam que o maior problema da violência contra jornalista é o despreparo da polícia, uma vez que 80% das agressões foram por PMs. Em função da repercussão sobre o veto de máscaras, noticia-se no dia 12 que: Nem toda máscara será proibida. A polícia "será proibida de apreender equipamentos" (máquinas fotográficas, etc). Aviso prévio da manifestação será obrigatório (a não ser que se trate de atos espontâneos). No dia 13, foi o 3º ato “oficial” a reportagem no dia seguinte noticiou que o pelotão ninja foi ativado, 200 policiais sem identificação ficaram de prontidão e disseram que não houve tempo para costurar as identificações, a justiça negou a liminar contra o pelotão que havia sido pedida pelos advogados dos ativistas. Alguns coletivos foram citados na constituição do ato: "contra a copa", "forum popular de saúde", "uneafro", "ciberativistas", "MPL". "Entidades como a Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de SP, Centro Santo Dias, Grupo TNM, Vicariato do povo d rua, já haviam ido um dia antes à secretaria de Estado da Segurança Pública para pedir ao Secretário F. Grella Vieira que não fossem feitas prisões por averiguação e para que a PM não agredisse os manifestantes". Como medida de segurança a polícia ofereceu coletes para identificação de jornalistas, segundo o Estadão, até o final da tarde do dia 13, 50 jornalistas tinham retirado seus coletes com a polícia. O jornal do dia 15, elogiou a ação da polícia, atribuindo a esta a manifestação pacífica, mais uma vez diferenciando os bons e maus manifestantes, atribuindo aos segundos o esvaziamento das manifestações de junho de 2-13 em que “o gigante acordou”. No dia

24, declaração da CUT de protesto a favor da copa. Neste momento a CUT anuncia que as manifestações são promovidas por partidários anti-governo. No dia 28, a foto de destaque na Capa é do 4º “protesto oficial”, com chamada sobre seu esvaziamento. Na reportagem destaca-se a presença do Pe. Júlio Lancellotti. (O padre Júlio é citado em algumas notícias relacionadas aos protestos, especialmente no mês de julho)

### **Abril**

- Violência contra a mídia
- Lei sobre manifestações.
- Relação entre as manifestações, a Copa e as eleições.
- Punição para manifestantes.
- Demandas por serviços públicos.
- Reação da gaviões da fiel frente aos protestos no Itaquerão.

Paralelamente, este em pauta discussões acerca do Golpe. As “Manifestações” são tema na SP fashion Week (Cavalera). Protestos contra o golpe (ainda em função dos protestos pró golpe). O assassinato de um bailarino do programa “esquentá”, em que a polícia é a principal suspeita.

Em encontro em Barbados, na Reunião de Meio de Ano da Sociedade Interamericana de Imprensa, apresentou-se relatório brasileiro com dados de violências contra profissionais da mídia. Apesar da maior parte das violências serem cometidas pela própria polícia, a foto que ilustrava era do rojão contra o cinegrafista da Band. No dia 11, Dilma, em reunião com lideranças de movimentos diz que é contra a criminalização da manifestações. Estavam presente: "representantes dos movimentos negro, LGBT, feministas, União Nacional de Estudantes (UNE), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)." também MPL. Cardozo desistiu do projeto de lei para conter violência em protestos e foi enviado um de Peddro Taques (PDT) que já estava pronto. No dia 16 reportagem (om anuncio na capa) sobre 5º ato contra a copa, que terminou em confronto no Butantã. Foram 54 detidos e o tema da manifestação foi a saúde pública. No dia seguinte, destaque é a declaração de Dilma sobre reforço de segurança para a Copa. Em nota anuncia-se que a Lei de milícias, de 2012, do RJ, é aplicada pela 1ª vez a Black blocs. Com isso, o grupo passou a ser visto como uma organização criminosa. No dia 30, sobre ato em SP no dia anterior 3 menores foram detidos por portar estilingues, facas e pedras na mochila. Black blocs queimaram album de figurinha. A gaviões da fiel convocou seus associados para proteger o Itaquerão, por meio do site oficial.

## **Mai**

- Relação entre manifestações, Copa e eleições.
- Menção ao processo em decorrência do cinegrafista morto.
- Black blocs identificados como “banda podre” nas manifestações/ criminalização.
- Editoriais em defesa da polícia.
- Entrada do MTST nas manifestações.
- Criação de conselhos para debater com os movimentos sociais.
- Nos editoriais e colunas no espaço aberto contrapõe-se o direito a manifestação com o direito de ir e vir, alertando para um abuso dos manifestantes.

Paralelamente a esses temas, discutiu-se a violência generalizada no Brasil (não só em manifestações). O embate do MTST e o governo com relação a ocupação da Copa do Povo. As diversas greves que despontaram no período (desde transportes, universidades, até polícia). E a questão da segurança na Copa.

Para além de fevereiro (e julho, ainda que com menos frequência), poucas vezes se voltou a mencionar o caso do cinegrafista. No dia 6 de maio, em nota intitulada MORTE DO CINEGRAFISTA, mãe de acusado diz que ele foi agredido pela polícia em delegacia. No mês de maio houve grande atenção a questão da moradia, especialmente em função da entrada do MTST nos protestos contra a Copa. No dia 7, chamada de notícia: "moradia leva mais às ruas do que a Copa", mostra gráfico de levantamento feito pela polícia entre 1 de janeiro e 24 de abril, com os números de atos por tema: 43 trabalhista, 23 moradia, 20 segurança, 18 desconhecida, 15 outros, 14 infraestrutura, 13 transporte, 9 contra a copa, 7 educação, 6 cultura, 6 política, 4 gênero/racial, 4 saúde, 3 liberdade de expressão.[total: 185 atos]. Entre as reivindicações do MTST, a ocupação da Copa do Povo foi tema principal que oscilou entre mandados de reintegração de posse, adiamentos, negociações. No dia 11 o editorial do Estadão intitulado “violência e populismo”, ressaltou a importância de manifestações pacíficas, alertando que o crescente número de protestos violentos também era resultado da descrença no governo do país. No dia seguinte, defesa da polícia, argumentando que a mesma virou alvo, enquanto a grande violência é de manifestantes. No dia 16, a notícia principal da capa foi sobre a baixa adesão em protestos pelo Brasil. O maior ato, com 15 mil pessoas, foi em SP, em função do MTST. Houve confronto. Torcida corintiana foi para Itaquerao 'defender patrimônio: Ainda de acordo com a torcida, “os Gaviões não aceitarão nenhum tipo de protesto na casa da fiel torcida”. Mesmo com a chamada sobre a baixa adesão, houve grande repercussão dos protestos nas notícias do dia. Desde copa, diálogo com manifestantes, violência policial, e protestos em vários estados, adesão de grevistas, professores, etc. No dia seguinte continuou a repercussão sobre a baixa adesão com os dados: 17 Junho de 2013: 230 mil pelo país;

15 de maio de 2014: 21 mil pessoas, mas das quais 8 mil eram professores municipais e 6 mil sem teto. A análise: "O que prevalece agora, a julgar pelo que se acabou de ver, são setores organizados em defesa de interesses delimitados (acesso à moradia, por exemplo) ou corporações profissionais (como professores) com suas periódicas demandas por aumento salarial. Do espírito de junho sobraram minoritários com propensão ao vandalismo. “ Nos dias seguintes o Estadão acusa ainda as manifestações de terem caráter petista (via MTST, por exemplo) e não autônomo como teriam sido as de 2013. Enquanto nas reportagens a violência policial é assunto, em colunas (espaço aberto) e editoriais defende-se a polícia das críticas.

No dia 23 começam as pesquisas do Ibope sobre as intenções de voto. No dia 24, noticiou-se a greve de ônibus em SP, que teve grande repercussão. A seleção brasileira começa a se pronunciar sobre as manifestações: Felipão: “A copa fora de campo não é problema da seleção”. Reportagem com MTST é usado contra ele em editorial. Em 28: Índios e sem-teto em choque com a polícia em Brasília (questão da terra e da moradia). O editorial do dia 29 é contra o "Decreto 8.243, de 23 de maio de 2014, que cria a Política Nacional de Participação Social (PNPS) e o Sistema Nacional de Participação Social (SNPS).

## **Junho**

- Em reportagem especial, destaca-se a declaração de alguns Black Blocs de que estes gostariam de uma intervenção do PCC.
- Destaca-se nos artigos opinativos a impunidade tanto referente aos abusos policiais quanto aos abusos de manifestantes.
- Proposta de criação da Política Nacional de Participação Social (PNPS).
- Violência policial ainda é assunto corrente.

Paralelamente, entra em destaque a greve de metroviários e as demissões em decorrência destas. O MTST é acusado de usar a Copa como chantagem para conseguir seus objetivos, com novas ocupações, como no Morumbi. As ocupações em SP ainda estão em pauta. Assim como o Plano Diretor (relacionado por vezes às pressões do MTST). Além das repercussões sobre os protestos decorrentes da reintegração de posse da ocupação José Estelita em Pernambuco. Destaque também para a crise e greve universitária.

No dia 1º de junho, a reportagem "Black blocs prometem caos na Copa e contam com PCC" (com o 'subtítulo': "Protagonistas das ações mais espetaculares da rede anarquista não foram nem sequer fichados pela polícia"). foi feita com os chamados 'líderes' do black bloc, em qe apartir de uma conversa com os mesmos procurou-se traçar um perfil. Mas foi o fato de alguém ter feito a relação com o PCC que gerou a maior repercussão nos dias seguintes e que tornou-se também a



chamada principal da reportagem. Diferente de todos os detidos até o momento, acusados de serem black blocs, o perfil traçado sobre eles foi: são adultos e não usam Facebook.

Dentro da reportagem especial, o jornal destacou em duas páginas, lado a lado, a impunidade para PM e a impunidade para manifestantes sobre a violência e detenção por parte da polícia, o Delegado Ben Hur Junqueira Neto firmou que “a ordem era para os policiais abordarem todos aqueles que tivessem ‘cara de manifestante’, o que seria constatado por elementos como idade, trajes ou se portava mochilas”. O Editorial do dia foi intitulado “MTST se impõe no grito”.

No dia seguinte a repercussão sobre as manifestações recaiu sobre a reportagem, com declaração do ministro que afirmou que o elo entre PCC e BBs inadmissível (ainda que os entrevistados não tenham feito essa afirmação). No dia seguinte o título do principal editorial foi: “Ameaça real e presente” sobre a possibilidade de união entre PCC e BBs.

Em meio a Copa, segunda declaração da seleção sobre protestos vem de Neymar: ser alvo de manifestações nos incomoda. No dia seguinte, notícia sobre protesto de Metroviários: O

protesto de metroviários teria imitado a ação de black blocs, porém pacífico. Neste sentido: "Black bloc' é o termo usado nos dias de hoje para descrever os mascarados vestidos de preto que comparecem a manifestação de rua".<sup>2</sup>

No editorial do dia 6, crítica ao MTST. A Anistia Internacional lançou um documento de denúncia em função dos abusos policiais, a reportagem no Estadão, criticou o fato da Anistia observar a violência como mão única da polícia, sem levar em conta os manifestantes (Black Blocs). Nas manifestações de rua, o movimento Black Bloc é alvo principal da polícia e, ao mesmo tempo, justificativa apresentada pelos agentes de segurança para o aumento da repressão. Em declaração, FIFA afirma que "Greve e protestos preocupam em São Paulo". Com relação aos metroviários, a continuidade da greve próximo ao início da Copa e ameaça do governo de demissões. No dia 9, o jornal noticia o apoio do MPL e do MTST aos metroviários com ato no metrô Ana Rosa. O foco do dia 10 foram as repercussões da greve dos metroviários com as ameaças de demissão. Ainda no dia 10, MTST cancela protestos no Itaquerao, alegando acordo com o governo federal para erguer moradias em áreas invadidas; pressão agora é para aprovar Plano Diretor. Apesar da saída do MTST dos atos em SP, 7 outros grupos confirmam o ato no dia da abertura. O ato previsto para acontecer na quinta-feira terá a participação dos coletivos Contra Copa 2014, Território livre, Anonymous Brasil, Não Vai Ter Copa e Partido Pirata. “Zona livre e do povo, outro futebol é possível: sem empresas patrocinadoras, sem estádios com sangue operário,

---

<sup>2</sup> Vale observar que atualmente, em 2015, em blog de jornalistas, a comparação com *black blocs* foi com relação a tática e não às roupas com o título: “População adota “tática Black Bloc”, só que sem máscara”. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/blogs/rogerio-jordao/populacao-adota-tatica-black-bloc-so-que-sem-004134829.html> (acesso 23/01/2015).

sem zona de exclusão, sem polícia e sem catracas”, conclama o evento no Facebook.

No dia 12, dia da abertura da Copa, metroviários suspendem a greve e marcam protesto. Dez capitais têm manifestações marcadas "De acordo com a Central Sindical e Popular (CSP Conlutas), e outras associações e sindicatos, a maior manifestação deve ocorrer em São Paulo [Grande ato 12 de junho Não Vai ter Copa]. Há ainda atos marcados em Brasília, Rio, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Fortaleza, São Luís, Belém e Porto Alegre. Antes do protesto marcado para o dia 12. Dez ativistas de presença constante nas manifestações tiveram os computadores e celulares apreendidos e foram levados ontem para a delegacia para prestar depoimento durante todo o dia. Entre eles estava a ativista “Sininho”. O depoimento de Sininho foi remarcado para o dia 12 (diferente dos outros). A data dela foi alterada porque ela seria testemunha em auditoria militar em que "dois PMs foram flagrados em vídeo forjando um flagrante de posse de explosivo contra um manifestante".

As notícias do dia seguinte ao ato na abertura. Dez capitais tiveram atos. Em São Paulo houve confronto. A Tropa de Choque agiu de forma enérgica e usou a força em pelo menos 6 momentos; 5 repórteres (quatro deles estrangeiros) ficaram feridos durante atos. A polícia usou cavalos e motos. A defensoria criticou a desproporcionalidade da ação da polícia. O jornal ainda noticiou a impunidade dos Black blocs e a sua possível ligação com o PCC. Em chamada, MG, RS e DF também tiveram “confronto e vandalismo” segundo o jornal. Ainda sobre atos em outros Estados: Aracaju (petroleiros principais), Fortaleza (operários da construção civil), Salvador, Maceió, São Luis e Teresina (organizações sindicais, coletivos e, sobretudo, por grupos ligados à central Conlutas). No dia seguinte, continuou a repercussão sobre a violência policial. Jornais internacionais ressaltaram a violência da polícia, inclusive porque duas repórteres da CNN ficaram feridas. O antetítulo da primeira página do caderno metrópole foi: “Ato contra a Copa. Secretário da Segurança e comandante dizem que operação foi ‘aplaudida pela população’; Anistia dá ‘cartão amarelo’ para PM. Governador Alckmin afirmou que se evitou ‘situações mais graves’, enquanto ministra Ideli viu ‘ação desnecessária’. Segundo relato do jornal, quem protagonizou os confrontos foram black blocs e anarquistas. Rafael Marques Lusvarghi, que estampou edição anterior do jornal com a imagem de gás de pimenta nos olhos, deu uma entrevista para reportagem, falando sobre seu passado na PM, e saber ter sido violento e que compreendia a repressão do Choque. Em duas notícias pequenas, uma delas mostrou a prisão do estagiário, Iranildo Brasil<sup>3</sup>, por ter lançado Coquetel molotov na câmera, o rapaz retratado em outra edição do jornal por ter impedido a PM de

---

<sup>3</sup> A notícia do Estadão não informa, mas em reportagem do dia 24 de maio, o portal R7 mostra a detenção de Iranildo que não pode ser justificada pelos policiais, e que portanto ele acabou sendo liberado. <http://noticias.r7.com/sao-paulo/pm-da-voz-de-prisao-a-manifestante-por-desobediencia-mas-cita-artigos-errados-do-codigo-penal-25052014> (acesso 18/10/2014).

revistar seu carro. O rapaz foi denunciado por um taxista que o seguiu e anotou a placa do carro. Ao lado, nota sobre o indiciamento de Sininho. Pai que retirou filho de 16 anos da manifestação dá depoimento ao jornal (a notícia repercutiu até no fantástico). Nos dias seguintes os editoriais e espaço aberto do Estadão fizeram análises associando protestos e crimes e criticando o governo. Em notícia sobre protesto com confronto no Rio de Janeiro, no caderno da Copa, se falou sobre a reação de alguns não manifestantes. Um motorista teria dado tiros para o alto durante a manifestação e moradores teriam agredido um ativista depois da manifestação. No confronto com a polícia um jornalista ficou ferido por estilhaços. Nos dias seguintes outros manifestantes foram “hostilizados” e agredidos por quem assistia aos jogos. No dia 20 o destaque foi a depredação de uma concessionária de luxo em SP em que a polícia teria ficado só assistindo, em função de seu acordo com o MPL. Nos dias seguintes, tanto editorial como pessoas do governo criticaram a “inação” da polícia. Alckimin declara que PM vai reprimir atos de vandalismo. Em editorial o jornal anuncia que ao menos a repercussão nas autoridades do ato de quinta-feira (da concessionária) teria sido um despertar para a diferenciação entre manifestações e vandalismo, tendo o segundo como crime. No dia 25 anuncia-se a prisão de dois ativistas: Rafael Marques Lusvarghi (o ex-PM que estampou o jornal com a foto de gás de pimenta no olho) e Fábio Hideki Harano (estudante de jornalismo e funcionário da USP). O segundo é acusado de ser líder dos manifestantes. A detenção dos dois é aclamada nos editoriais e “espaço aberto”.

No dia 29, em relação ao confronto do dia anterior, com detidos e jornalistas feridos, a polícia afirmou ter reagido ao ataque dos manifestantes, o que foi contestado pelos jornalistas que estavam presente. No dia 30, no Rio de Janeiro, protesto silencioso contra a violência policial, especialmente nas favelas do Rio.

## **Julho**

- Violência policial
- Fim da Copa
- Penalização de manifestantes (Fábio e Rafael).
- Sininho volta à pauta do jornal precisamente no mesmo dia da final da Copa, e permanece no noticiário quase que diariamente.

Paralelamente, é aprovado o Plano diretor. MTST conclui negociações com o governo. O Brasil é eliminado da Copa por 7 a 1, o que reflete na preocupação relativa à segurança frente aos possíveis protestos. Continuam as greves nas universidades. Há também a presença de notícias sobre protestos indígenas relativos às terras.

No primeiro dia do mês, não houve menção aos protestos contra a Copa, mas sobre MTST e Plano Diretor. No dia 2, protesto termina em confronto na Roosevelt. Ato contra prisão de ativistas tem seis detidos. Alguns dias depois, o Direito da GV publica pesquisa em que mostra que 8 em cada 10 entrevistados acredita que é fácil desobedecer às normas e, sempre que possível, se recorre ao ‘jeitinho’ – da pirataria à embriaguez ao volante. Causas, segundo quem viola regras, são falhas nas leis e o mau exemplo de autoridades. No dia 9, a capa estampou o 7 a 1, em que o Brasil perdeu para a Alemanha. A preocupação do governo foi aumentar a segurança nas ruas, com receio da reação da população (inclusive, em função de ônibus incendiado no RJ). O editorial do dia 10 levava o título “Aos ‘black blocs’ o rigor da lei”, sobre a prisão do motorista João Antônio Alves Roza,<sup>4</sup> de 46 anos. Segundo o jornal, “ele vinha sendo monitorado pela polícia desde que foi notado como um dos líderes do quebra-quebra de 12 de junho. Ao contrário da maioria destes, sem ter frequentado faculdade ou participado de movimentos políticos, tem passagem pela polícia por receptação de produtos roubados, formação de quadrilha, pedofilia e porte de arma. Ele admitiu ter participado de atos de vandalismo. Além dele e do ajudante-geral, outros dois black blocs foram presos por terem participado de depredações, após manifestações de protesto tidas como pacíficas.” No dia 13, a notícia foi sobre a prisão de 13 pessoas na véspera do final da Copa, no Maracanã. Elas foram acusadas de formação de quadrilha armada, após investigação com escutas telefônicas. No dia seguinte, depois de ato, volta notícia sobre violência policial na repressão de manifestantes em que 11 jornalistas teriam sido agredidos. No dia 15, o editorial do jornal faz uma ligação entre os protestos de rua e a pesquisa da GV sobre o desrespeito às leis, criticando o descaso e o exemplo dado pelo governo. Em nota, no jornal do mesmo dia, apresenta-se os seguintes números: 38 casos de prisões, agressões e detenções envolvendo 36 profissionais de comunicação foram registradas durante a cobertura de manifestações na Copa. Nos dias seguintes, foco e crítica ao MTST e mais processos contra manifestantes.

No dia 20, com o título “Reforma urbana toma lugar de reforma agrária”, notícia afirmam que “manifestações de junho consolidam inversão de prioridades das diretrizes de programa de governo dos candidatos à Presidência”. ONG Justiça Global em defesa dos manifestantes. Diante da caça aos manifestantes e acusações, uma das acusadas, Eloisa Samy, pediu asilo político no Uruguai, que foi negado. Siinho volta a ser foco em algumas notícias, identificada como líder geral. Em coluna no “Espaço aberto”, no dia 23, Aloísio de Toledo César, chama algumas ações nos protestos de crime não político, em referência ao pedido de asilo de Eloisa Samy e se referindo mais

---

4 Segundo o jornal “O Dia”, ele foi o último a ser liberado da prisão em agosto. <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-08-28/ultimo-manifestante-ainda-presos-apos-protestos-em-sao-paulo-ganha-liberdade.html> (acesso 18/10/2014).

especificamente aos Black blocs. Afirma que "Baderna, atirar bombas em policiais, matar com uso de rojões são delitos previstos na lei penal". No dia 25, reportagem com ex-namorada do atual namorado de Sininho. Com o título "Mulher traída ajuda na denúncia de ativistas". No dia 26, reportagem sobre a ligação entre Black blocs do RJ e SP, pela polícia, ainda sob a perspectiva de formação de quadrilha (uma das acusações) e crime organizado. Também é notícia no dia protesto de índios guarani contra a desapropriação da aldeia Tekoa Pyau, próxima do Pico do Jaraguá, zona oeste de SP, onde vivem 700 indígenas. No dia, 29, no caderno 2, sobre a série "Plano Alto" que terá a presença de personagens black blocs, uma delas inspirada em Sininho.

## **Abordagem por assunto**

### **Controles eletrônicos, mídias e redes sociais**

A identificação dos acusados de terem lançado o rojão contra o cinegrafista foi realizada a partir de filmagem por um a TV Russa, como foi noticiado no dia 11 de fevereiro. No mesmo dia, "Black blocs" usam o Facebook, no RJ, para lamentar a morte do cinegrafista e lembrar das mortes por policiais.

No dia 13 de fevereiro, A ABIN (Agência Brasileira de inteligência), afirma que faz um acompanhamento da "temperatura" das manifestações por meio do que chama de fontes abertas: redes sociais como Facebook e Twitter, depoimentos policiais e acompanhamentos de partidos e outras organizações. De acordo com o que foi noticiado, "A intenção é verificar riscos, tamanho, infiltrações de partidos políticos e financiamento dos protestos."

Em reportagem do dia 16 de fevereiro, realizada com um jovem de 16 anos, o mesmo afirma que os adeptos da tática Black bloc não usam Facebook e se comunicam por Whatsapp.

Em reportagem do dia 10 de junho, com alguns que se identificaram como Black blocs, também ressaltaram que não usam Facebook. No mesmo dia, foi noticiada a convocação para protesto via Facebook, por outros grupos.

No dia 25 de julho, um professor da rede estadual de São Paulo, Jefte Rodrigues do Nascimento,<sup>5</sup> foi detido em prisão temporária, acusado de ser Black bloc, por meio de uma página do "grupo" em seu Facebook.

Em análise, no dia 22 de março, afirma-se que "mobilização online favorece manifestações, mas prejudica organização do ativismo".

No dia 11 de julho, o jornal noticiou que o "Palácio do Planalto monitora, com auxílio da Polícia Federal e da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), uma convocação pela internet que

---

<sup>5</sup> Foi solto no dia 1 de agosto, conforme blog de advogados de ativistas: <http://advogadosativistas.com/justica-acata-pedido-de-revogacao-e-jeft-e-solto/> (acesso em 18/08/2014).

convida a população a protestar contra a Copa do Mundo logo após o jogo entre Argentina e Alemanha neste domingo, no Maracanã. Pelo menos 26 mil agentes estarão de prontidão para garantir a segurança da final do Mundial.”

### **Leis, medidas e investimentos de segurança**

Em 22 de fevereiro anuncia-se o uso da “tropa ninja” pela polícia para o ato previsto para esse dia. O apelido veio do uso de técnicas de artes marciais e ausência do uso de armas. A repercussão foi controversa, uma vez que defensores de direitos humanos e jornalistas alertaram para a violência da técnica, enquanto autoridades consideraram reproduzir a técnica em todo o país. Segundo editorial do próprio jornal a técnica importada de países da Europa é conhecida como *kettling*, *containment* ou *corralling*, e teria sido desenvolvida pela primeira vez em função de protestos contra a usina nuclear de Chernobyl, na Alemanha, em 1986<sup>6</sup>. Ela consiste em isolar e conter os manifestantes que causariam “distúrbios” dos outros manifestantes “pacíficos”.

Em meio a discussão de novo projeto de lei para manifestações, a polícia havia usado até então a Lei de Segurança Nacional (Lei 7170/83<sup>7</sup>) para investigar manifestantes em atos contra a Copa do Mundo. Conforme noticiado em 25 de fevereiro, continuam sendo utilizadas uma série de medidas, como: quebra de sigilo, busca de apreensões, colhida de depoimentos, apreensões de pessoas e reconhecimento.

No dia 17 de abril, no entanto, dois Black blocs, foram enquadrados na Lei de Milícias<sup>8</sup>, no Rio de Janeiro. Segundo reportagem, "Pela primeira vez, a Polícia Civil indiciou dois black blocs com base em uma lei de 2012, pensada originalmente para combater milícias que atuam no Rio de Janeiro. Com isso, o grupo passou a ser visto como uma organização criminosa." Artigo 288-A do Código Penal<sup>9</sup>.

Em 12 de junho, início da Copa, noticiou-se que a polícia deteve 10 ativistas na véspera de atos no Rio. No dia seguinte, sobre a ação da polícia em São Paulo: "Com protestos previstos durante o dia, Deic começou às 7 horas a cumprir mandados de busca e apreensão na casa de ativistas": "houve apreensão de notebooks, pen drives, celulares, cadernos com anotações, sprays e

---

6 <http://en.wikipedia.org/wiki/Kettling>; outra fonte (<http://flesl.net/Reading/Society/Kettling/Kettling1/kettling1.php>), afirma que um dos primeiros usos da *kettling*, tinha como função facilitar o genocídio durante a segunda guerra.

7 Cf. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7170.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7170.htm) (acesso em 08/01/2015).

8 Cf. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2011-2014/2012/Lei/L12720.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2012/Lei/L12720.htm) (acesso em 08/01/2015).

9 Cf. <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10602053/artigo-288-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940> (acesso em 08/01/2015).

latas de tintas, manuais de procedimentos para ativistas em manifestações, jornais, panfletos, soco-ínglês, estilingues, máscaras e CPUs.”

A grande discussão sobre o novo projeto de lei ocorreu principalmente em fevereiro, em decorrência da morte do cinegrafista. No mesmo dia em que foi anunciada a morte de Santiago Andrade (11/2), Renan Calheiros, presidente do senado, colocou em votação projeto de lei que define terrorismo para enquadrar Black blocs.<sup>10</sup> No dia 12 de fevereiro, jornal noticiou declaração de Beltrame que afirmou ser um erro enquadrar certos atos na Lei de Segurança Nacional, mas que por outro lado era necessário criar alguma lei que proíba o uso de máscaras. A próxima medida, segundo o secretário da segurança do Rio de Janeiro, é levar à questão ao senado. No dia 13 de fevereiro, um projeto de lei elaborado por Beltrame foi anunciado. O jornal destacou as propostas com relação a três temas: uso de máscaras; porte de armas; crime de desordem. Com relação às máscaras, a proposta sugere que quem use máscaras possa ser retido e que os reincidentes possam ser presos. Com relação às armas, já há uma proibição do uso de civis por Lei, mas a nova proposta prevê que além de armas, objetos possam ser retidos e em caso de reincidência o portador preso. Com relação ao “crime de desordem”, até o momento ele não está tipificado no código penal, a violação da paz prevê pena de até 6 meses, a nova proposta é que ele seja tipificado como crime, com pena de 2 a 6 anos e como pena de até 12 anos, no caso de agravantes. Deputados de 16 partidos em São Paulo também lançam proposta, tendo como base as propostas no Rio, mas com detalhamento dos tipos de armas brancas. As duas análises em sequência das notícias não se colocam a favor do endurecimento ou da criação de mais leis, seja pela defesa dos direitos humanos, ou na crença de que já há legislação suficiente no país. O editorial do Estadão, publicado no dia seguinte (14/2), elogia a proposta de Beltrame e questiona se o PT permitirá que ela seja aprovada.

No dia 15 é lançado projeto de Lei pelo governo federal. Conforme reportagem “O governo federal vai enviar ao Congresso Nacional, em regime de urgência, um projeto de lei para tratar do direito à liberdade de manifestação e para estabelecer sanções para casos de vandalismo, lesão corporal e homicídio. O texto não deve prever veto ao uso de balas de borracha para conter excesso nas manifestações, que deverão ser anunciadas previamente. A restrição aos mascarados, porém, ainda é polêmica.” ainda na mesma reportagem a secretaria de segurança nacional, declara que será traçado um regramento unificado para a polícia, para que a mesma não seja alvo de acusações injustas. Durante o restante do mês de fevereiro a grande discussão girou em torno do uso ou não de máscaras, inclusive com o apoio da presidente para o veto do anonimato. No dia 12 de

---

10 Cf. <http://www.nu-sol.org/agora/agendanota.php?idAgenda=565> (acesso em 10/01/2015).



março, notícia anuncia que governo desiste do veto às máscaras. O tema do projeto de lei levantando em fevereiro, retorna apenas no dia 5 de julho, em que reportagem anuncia que “SP aprova lei que veta mascarados em protestos”. “De autoria do deputado Campos Machado (PTB), o projeto aprovado na Assembleia só exclui da proibição as ‘reuniões culturais do calendário oficial”.

A presença do exército, em função da Copa do Mundo, também esteve na pauta no jornal. No início do ano a presidente disponibilizou o exército para os Estados que achassem necessário e solicitassem a presença do exército. Conforme notícia do dia 17 de maio, uma das maiores preocupações se referia à ameaça de greve da PM durante o período da Copa. Para acalmar o ânimo de empresários, como mostrou reportagem do dia 28 de maio, a presidente afirma novamente que, se necessário, poderá usar o exército para conter as manifestações. Com a aproximação da abertura da Copa, a possibilidade de uso das forças armadas aumenta (9/6).

No final de julho, o jornal publicou notícia sobre a criação de um órgão de monitoramento do exército, em função da demanda frequente de ações referentes à segurança pública. O “Comando de Operações Terrestres (COTER) receberá dados de todos os órgãos que integram o Sistema de Inteligência do País (Sisbin). (...) Qualquer tipo de movimento social, de black blocs a trabalhadores sem-teto, pode ser objeto de acompanhamento pelo Exército, caso seja enquadrado entre os segmentos que podem prejudicar a execução de uma missão de Garantia da Lei e da Ordem (GLO)” (31/7).

Além do uso do exército, foram tomadas outras medidas de segurança como: Armadura para a cavalaria de São Paulo (7/5); Armadura “Robocop”, para a PM (1/6); uso de defesa antiaérea contra terrorismo para a copa (14/6).

Em 31 de maio publicou-se que o Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, afirmou que o maior legado da Copa é a ação em conjunto de todas as forças armadas, feito inédito, até então, no Brasil.

A partir do final de junho e durante o mês de julho, com o final da Copa, o foco foi a punição de Black blocs e outros ativistas. Segundo Alckimin, em notícia de 24 de junho, a fará parte da estratégia a ser anunciada em breve, segundo ele, a identificação por câmeras de segurança para punição dos manifestantes.

### **Torcidas organizadas**

As torcidas organizadas também se pronunciaram com relação aos protestos, mas visando proteger “seu patrimônio”. No dia 16 de maio, diante do protesto no Itaquerão, Gaviões da Fiel, afirmam pelo site oficial da torcida que “os Gaviões não aceitarão nenhum tipo de protesto na casa da fiel torcida”. O líder do MTST foi procurado pela gaviões e garantiu que não ameaçaria o



estádio.

No dia 21 de fevereiro de 2014, com relação a protesto no RS contra reajuste de tarifa, por meio de redes sociais “torcedores do Internacional demonstraram contrariedade e chegaram a falar em formar um cordão de isolamento em torno do Beira-Rio, para evitar depredações.”

No dia 1 de junho, quando sobre a tática de convocar manifestantes para estar na delegacia no dia dos atos, como afirmou o delegado Carlos Castiglioni, da Delegacia de Investigações Gerais (DIG), o jornal compara a tática “com a estratégia já adotada pelo Ministério Público Estadual (e também utilizada por outros países) com integrantes violentos de torcidas organizadas de futebol: em dias de jogos, eles são convocados a comparecer à Justiça ou à delegacia mais próxima, para evitar que se envolvam em confusão.”

### **Posição da esquerda partidária**

No dia 12 de fevereiro, diante da morte do cinegrafista, "PSOL reconhece erro em não condenar extremistas". Ao mesmo tempo os noticiários apresentaram denúncias, nos dias seguintes, sobre possível “patrocínio” de partidos a manifestantes.

Em 23 de julho, o jornal noticia que a “CUT promete ir às ruas defender a Copa”, ainda de acordo com o jornal, a “CUT diz que os protestos não-vai-ter-copa são eleitores”. O investimento do Estadão em seus editoriais e colunas, em grande parte, foi associar o PT a qualquer outro grupo de esquerda (desde partidos, sindicatos ou MTST) aos chamados atos de vandalismo.

### **Repercussão internacional**

As organizações de direitos humanos se posicionaram diversas vezes com relação aos protestos, mas sempre alertando para a violência policial. No dia 12 de fevereiro, “A Organização das Nações Unidas (ONU) se diz alarmada pela violência nos protestos no Brasil e condena a morte do cinegrafista Santiago Ilídio Andrade.” ONU faz declaração contra a violência inclusive da polícia. No dia 25 de fevereiro, noticia-se que "'Preocupada' ONU cobra atos livres na copa". No dia 9 de maio, a Anistia lança campanha em defesa de atos durante a Copa. Campanha da anistia internacional: "Brasil, chega de bola Fora". “Protestar pacificamente não é crime, é direito de todos.” A grande preocupação também é quanto à violência da polícia. No dia 6 de junho, o título da notícia é "Anistia critica abuso em atos e ignora black blocs". Segundo o jornal, a entidade denuncia ação das policias, mas omite "o papel da rede de comando da repressão e dos mascarados". No dia 14 de junho mais uma vez “Anistia dá ‘cartão amarelo’ para PM”.

As repercussões em jornais internacionais também giraram em torno da violência policial, especialmente quando algum jornalista era ferido, como foi o caso, no dia 14 de junho, que se

noticiou que duas repórteres da CNN foram feridas por policiais em cobertura de protestos.

No dia 15 de junho, a repercussão noticiada se referia a manifestantes em apoio, na Suíça, quando ativistas ligados ao Indymedia.ch, se reuniram em frente a sede da Fifa em Zurique e mancharam o logo com tinta.

Em artigo no caderno Internacional, no dia 28 de junho, Castañeda fez uma análise intitulada “A depressão da Copa do Mundo”: “A economia estagnou; os brasileiros estão infelizes e dirigem sua ira contra o PT e o Mundial”.

No início de julho (2/7) a Anistia Internacional continuou afirmando que a polícia usou força abusiva em manifestações.

### **Destaques de capas**

Entre os meses de fevereiro e julho os protestos ou notícias associadas foram destaque de capa do jornal em alguns momentos.

O primeiro destaque foi no dia 11 de fevereiro quando foi anunciada a morte do cinegrafista, com o título: “Cinegrafista ferido por rojão morre; suspeito é identificado”

O segundo destaque foi no dia 13 de fevereiro, com o título “Jovem é preso; defesa diz que violência em atos é paga”.

No dia 23 de fevereiro, 3º destaque: “Protesto acaba em confronto e prisão de 230 pessoas em SP”

No dia 28 de março, o destaque não foi o título, mas a imagem. A informação que contava era “Protestos esvaziado”, ainda que a imagem mostrasse um mar de pessoas.

No dia 16 de maio, o destaque da capa foi “Atos contra Copa têm baixa adesão, mas governo federal mantém alerta”. No dia seguinte, o destaque foi na imagem de um carro em chamas. O título abaixo era: “Ato termina em saque e confronto”.

No dia 28 de maio o destaque foi de imagem (de confronto em policiais e manifestantes) e título “Ato vira confronto; Dilma diz que não terá baderna na copa”.

Primeiro de junho, novamente destaque de imagem e título: “Black blocs prometem caos na Copa e contam com o PCC”, com a foto de 5 pessoas mascaradas na penumbra e legenda relacionada a comentário sobre PCC.